

Organizadores

Bruno Reis de Oliveira

Flávia Costa Oliveira

Stéphanie Paes Rodrigues

**Noite dilacerada:
poezja polaca
de guerra
Edição bilíngue**

v
v v
v v
viva voz

Belo Horizonte

FALE/UFMG

2010

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Bruno Reis de Oliveira

Flávia Costa Oliveira

Stéphanie Paes Rodrigues

Formatação

Bruno Reis de Oliveira

Flávia Costa Oliveira

Revisão de provas

Flávia Costa Oliveira

Stéphanie Paes Rodrigues

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

e-mail: revisores.fale@gmail.com

Meu coração de polaco voltou
coração que meu avô
trouxe de longe pra mim
um coração esmagado
um coração pisoteado
um coração de poeta.

Paulo Leminski

Sumário

Sobre margens e pontes . 9

Stéphanie Paes Rodrigues

***Piosenka o końcu świata* . 14**

Czesław Miłosz

Canção sobre o fim do mundo . 15

Tradução de Henryk Siewierski
e José Santiago Naud

***Dzieci epoki* . 16**

Wisława Szymborska

Filhos da época . 17

Tradução de Ana Cristina Cesar

***Schyłek wieku* . 18**

Wisława Szymborska

Crepúsculo do século . 19

Tradutor desconhecido

***Jacyś ludzie* . 20**

Wisława Szymborska

Uma certa gente . 21

Tradução de Regina Przybycien

***Portret grecki* . 22**

Czesław Miłosz

Retrato grego . 23

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

***Ziemia* . 24**

Czesław Miłosz

Terra . 25

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Wietnam . 26

Wisława Szymborska

Vietnam . 27

Tradução de Henryk Siewierski
e José Santiago Naud

Terrorysta, on patrzy . 28

Wisława Szymborska

O terrorista, ele observa . 29

Tradução de Regina Przybycien

Nigdy od ciebie, miasto . 30

Czesław Miłosz

Nunca de ti, cidade . 31

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Zakłęcie . 32

Czesław Miłosz

Conjuro . 33

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Economia divina . 34

Czesław Miłosz

Economia divina . 35

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Wrażenia z teatru . 36

Wisława Szymborska

Impressões do teatro . 37

Tradução de Regina Przybycien

Koniec i początek . 38

Wisława Szymborska

Fim e começo . 39

Tradução de Regina Przybycien

Po odcierpieniu . 42

Czesław Miłosz

Depois da penitência . 43

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Przedmowa . 44

Czesław Miłosz

Prefácio . 45

Tradução de Henryk Siewierski
e José Santiago Naud

**Traduzindo (im)possibilidades –
ou da poesia(,) em outras palavras . 46**

Bruno Reis de Oliveira

Vozes da guerra . 50

Stéphanie Paes Rodrigues

Ponte poezja-poesia . 52

Stéphanie Paes Rodrigues

Referências . 57

Sobre margens e pontes

Stéphanie Paes Rodrigues

Como se narra o holocausto? A história nos fornece nomes e datas, números e estatísticas, a descrição dos métodos, o testemunho dos sobreviventes. Na tentativa de recriar a experiência subjetiva, para sempre perdida, a poesia nos lança uma imagem de um rosto crispado, de um grito subitamente cortado, de um gesto suspenso no ar.

Regina Przybycien

A história, como registro, da mesma forma que a poesia de temática histórica, é uma ficção, um relato parcial de uma verdade mais complexa e inatingível: o fato por excelência. A diferença entre estes dois relatos está na forma como cada um deles recorta esta verdade suprema. A história apoia sua narrativa em resquícios do momento ocorrido; a poesia, por outro lado, narra a partir de resquícios do momento vivido pelas vozes que ela abriga. Assim, enquanto a história nos conta o passado e o mantém distante de si e de nós, a poesia revive este passado, inserindo-nos nele para que possamos experienciá-lo. A poesia é a maneira mais vívida de testemunhar os pequenos fatos mais íntimos que a história jamais narrará.

Nesse sentido, uma das propostas da presente antologia é oferecer a possibilidade de vivenciar um dos momentos mais relatados da história – a Segunda Guerra Mundial – por um viés que os livros de história não oferecem. O cenário escolhido foi a Polônia, um dos países que mais sofreram com o holocausto; os personagens são todos os que não tiveram escolha, todos os que se calaram por medo ou pela opressão da guerra, e que aqui falam por intermédio de dois poetas poloneses que, apesar de terem sido traduzidos para diversas línguas, ainda são pouco conhecidos em nosso país, até mesmo pela inexistência de distribuição da sua obra em escala comercial por aqui. Esses porta-vozes dos silenciados são Czesław Miłosz, Prêmio Nobel de Literatura em 1980, e Wisława Szymborska, vencedora do mesmo prêmio pelo conjunto de sua obra, em 1996. Cabe aqui deixar

um agradecimento especial a Roberto Barros de Carvalho e Regina Przybycien por sua ajuda valiosa, nos possibilitando o acesso à maior parte das poesias aqui reunidas.

Nos poemas selecionados – cujas traduções foram revisadas segundo a nova ortografia da língua portuguesa – os poetas não apenas narram os horrores de um período dramático e a experiência de suas vítimas, como também fazem uma reflexão sobre os rumos do século XX, que “deveria ter sido melhor do que os anteriores” mas “já não consegue sê-lo”, como conclui Szymborska em seu poema “Crepúsculo do século”, ao constatar que o ideal iluminista de progresso através da razão e da ciência resultou em destruição e ruínas. Este sentimento de desilusão, compartilhado por outros poetas do período, como Fernando Pessoa, se visto em larga escala, representa não somente os rumos do século passado, mas também do atual. Por esse motivo, as poesias de Miłosz e Szymborska são também um convite à reflexão sobre o nosso tempo, essa permanência do passado em outros cenários, com outros porquês, e os caminhos trilhados pelo homem de hoje, ainda sem respostas ou saídas para os fantasmas da Modernidade, o que mais do que justifica a sua importância.

Para que o conjunto dos poemas tivesse o caráter de uma narrativa histórica, procuramos organizá-lo dentro de uma certa linearidade ficcional de acordo com a temática abordada em cada um deles, de modo que se pudesse percorrer o caminho de dois grupos de pessoas: o primeiro, trilhado por Miłosz, é o do polonês exilado, que vive a guerra de longe, mas não com menos pesar, por testemunhar, à distância e impotente, o sofrimento de seus compatriotas, o que lhe traz como única alternativa ponderar sobre tudo o que se assiste de longe. O segundo grupo, representado por Szymborska, é o dos que ficaram e sentiram na pele, nos ossos, nos olhos e nos ouvidos cada segundo do horror indesejável mas, ainda assim, instaurado. É dessa forma que Czesław Miłosz e Wisława Szymborska se apresentam para, ainda que das margens, dar voz a quem estava à margem de sua própria história.

Porém, por mais que se mostre necessário dar amplo espaço a todas essas vozes marginais, mas que têm tanto a nos dizer, essa comunicação não seria possível sem o engenho e arte dos tradutores que, inspirando-me em Haroldo de Campos, prefiro chamar de “transcriadores”, uma vez que a estes profissionais é necessário, para além da habilidade de verter um texto de uma língua para outra – o que já exige um grande esforço criativo –, a capacidade e a sensibilidade para recriar aquilo que ultrapassa os limites da língua e que, no caso específico da poesia, é a sua essência maior. Com exceção do poema “Crepúsculo do século” – uma tradução de autoria desconhecida que foi por nós adaptada do português de Portugal, e foi selecionada por sua relevância – todas as demais traduções foram elaboradas por cinco profissionais da tradução entre os poucos que se dedicam – ou dedicaram – à transposição dos poemas poloneses para o nosso português, construindo a ponte necessária à comunicação entre essas duas linguagens tão distantes física e linguisticamente.

O primeiro deles, Henryk Siewierski, é um polonês que vive no Brasil há mais de 20 anos e transpõe tanto do polonês para o português, quanto no sentido inverso. Ainda que se dedique principalmente à prosa, tem, na UnB, um projeto de tradução de poemas de Carlos Drummond de Andrade para o polonês e participou da tradução e organização de duas das antologias utilizadas como fonte das poesias selecionadas para esta edição. Na primeira dessas antologias, o livro *Não mais*, que traz apenas a poesia de Czesław Miłosz, Siewierski trabalhou em parceria com seu ex-orientando de mestrado Marcelo Paiva de Souza, que viveu por quatro anos em Cracóvia, capital da Polônia, onde adquiriu seu título de doutor. Paiva de Souza já traduziu de diversas línguas, do inglês ao latim, passando pelo polonês. A outra antologia organizada por Siewierski, *Quatro poetas poloneses*, contou com a colaboração de José Santiago Naud, que, além de tradutor, é um poeta premiado e que já foi traduzido para várias línguas, embora seja pouco conhecido nacionalmente, até mesmo porque a distribuição de sua obra se restringe basicamente a Brasília. Naud, portanto, à sua técnica tradutória, alia a sen-

sibilidade de seu espírito poético, o que tem muito a contribuir com a recriação da essência da poesia.

Regina Przybycien, a quarta de nossos tradutores, verte tanto do polonês quanto do inglês e, em se tratando de poesia polonesa, se dedica especialmente à de Wisława Szymborska, da qual é grande conhecedora, tendo trabalhos, tanto teóricos quanto de tradução, publicados em revistas especializadas. Essa dedicação faz dela a maior tradutora de Szymborska no país – pelo menos pelo que pudemos observar em nosso levantamento bibliográfico. Atualmente, dá aulas de literatura brasileira na Universidade Jagiellônica de Cracóvia todo primeiro semestre do ano. Aliás, com exceção de José Santiago Naud, todos os tradutores até aqui mencionados têm em seu histórico passagens por essa instituição.

Ana Cristina Cesar, a última de nossas tradutoras a aparecer não só nesta apresentação como também no processo de seleção dos poemas, foi uma das mais importantes poetas da geração de poetas marginais da década de 1970 e, mestre em tradução pela Universidade de Essex, na Inglaterra, iniciou sua carreira como tradutora vertendo para o português poemas de grandes poetas da literatura de língua inglesa, como Emily Dickinson. Nesta antologia, contribuiu com a transcrição do poema “Dzieci epoki”, de Wisława Szymborska, que em sua versão se tornou “Os filhos da época”. Nessa tradução, especialmente, o termo *transcrição* se mostra adequado já que, em todas as publicações em que a encontramos, as estrofes do poema de partida estavam condensadas em uma única e longa estrofe, além de termos observado a supressão de três de seus versos, o que nos faz acreditar que essa alteração tenha sido opção da tradutora. O mesmo ocorre com o poema “Impressões do teatro”, de tradução de Regina Przybycien, que contém um verso a menos em relação ao poema de Szymborska, por opção da tradutora.

Seria isso um problema de tradução? Incapacidade das tradutoras de “reproduzir o original”? Mas e se eu dissesse que, embora tenha alterado significativamente a estrutura do poema de base, Ana Cristina Cesar conseguiu transpor para o português um traço muitas vezes difícil de se passar para outra língua, que é a ironia,

característica da poesia de Szymborska; e que este foi um dos principais motivos que nos levaram a escolher sua tradução? Seriam essas modificações, então, apenas um reflexo da “impossibilidade” de se traduzir poesia?

Não é necessário responder agora. Nem mesmo é necessário dar uma resposta definitiva. Não é de hoje que essas questões têm instigado poetas, tradutores e estudiosos da língua em geral, e foram muitas as saídas encontradas por eles. Ao fim desta antologia, encontra-se o texto “Traduzindo (im)possibilidades – ou da poesia(,) em outras palavras” de autoria de Bruno Reis de Oliveira, que aborda essas questões e algumas das perspectivas existentes a respeito. É uma leitura interessante e instigante que vem a cumprir o último dos objetivos desta publicação: promover a reflexão sobre o ato tradutório e todos os dilemas que ele suscita. Dessa forma, deixo o convite para que, além de saborear a poesia, você, leitor, passe a fazer parte dessa reflexão e possa repensar, atravessado pela leitura do texto, suas próprias ideias a respeito da tradução poética.

Piosenka o końcu świata

Czesław Miłosz

*W dzień końca świata
Pszczola krąży nad kwiatem nasturcji,
Rybak naprawia błyszczącą sieć.
Skaczą w morzu wesołe delfiny,
Młode wróble czepiają się rynny
I wąż ma złotą skórę, jak powinien mieć.*

*W dzień końca świata
Kobiety idą polem pod parasolkami,
Pijak zasypia na brzegu trawnika,
Nawołują na ulicy sprzedawcy warzywa
I łódka z żółtym żaglem do wyspy podpływa,
Dźwięk skrzypiec w powietrzu trwa
I noc gwiaździstą odmyka.*

*A którzy czekali błyskawic i gromów,
Są zawiedzeni.
A którzy czekali znaków i archanielskich trąb,
Nie wierzą, że staje się już.
Dopóki słońce i księżyc są w górze,
Dopóki trzmiel nawiedza różę,
Dopóki dzieci różowe się rodzą,
Nikt nie wierzy, że staje się już.*

*Tylko siwy staruszek, który byłby prorokiem,
Ale nie jest prorokiem, bo ma inne zajęcie,
Powiada przewijając pomidory:
Innego końca świata nie będzie,
Innego końca świata nie będzie.*

Canção sobre o fim do mundo

Tradução de Henryk Siewierski e
José Santiago Naud

No dia do fim do mundo
Uma abelha circula ao redor da chagueira,
Um pescador remenda uma rede rota.
Feliz o boto salta no mar,
Os pardais pequeninos brincam na calha
E a serpente tem a pele de ouro como devia ter.

No dia em que o mundo se acabe
Mulheres de sombrinha passeiam pelos campos,
Um ébrio com sono resmunga à beira de um prado,
Gritam os verdureiros na rua
E um barco de vela amarela bordeja perto da ilha,
A voz de um violino perdura no ar
E abre uma noite estrelada.

E todos os que esperavam por trovões e relâmpagos
Estão desapontados.
E todos os que esperavam pelos sinais e as trombetas do arcanjo
Não creem que isto esteja agora acontecendo.
Enquanto o sol e a lua perdurem lá em cima,
Enquanto o besouro adeje uma rosa,
Enquanto nascerem criancinhas róseas,
Ninguém acredita que isto esteja acontecendo agora.

Só um velho de cabeleira branca, que bem podia ser um profeta,
Mas não é um profeta, porque está muito ocupado.
Repete enquanto pela os tomates:
Não haverá outro fim do mundo,
Não haverá outro fim do mundo.

Dzieci epoki

Wisława Szymborska

*Jesteśmy dziećmi epoki,
epoka jest polityczna.*

*Wszystkie twoje, nasze, wasze
dzienne sprawy, nocne sprawy
to są sprawy polityczne.*

*Chcesz czy nie chcesz,
twoje geny mają przyszłość polityczną,
skóra odcień polityczny,
oczy aspekt polityczny.*

*O czym mówisz, ma rezonans,
o czym milczysz, ma wzmowę
tak czy owak polityczną.*

*Nawet idąc borem lasem
stawiasz kroki polityczne
na podłożu politycznym.*

*Wiersze apolityczne też są polityczne,
a w górze świeci księżyc,
obiekt już nie księżycowy.
Być albo nie być, oto jest pytanie.
Jakie pytanie, odpowiedź kochanie.
Pytanie polityczne.*

*Nie musisz nawet być istotą ludzką,
by zyskać na znaczeniu politycznym.*

*Wystarczy, żebyś był ropą naftową,
paszą treściwą czy surowcem wtórnym.
Albo I stołem obrad, o którego kształt
spierano się miesiącami
przy jakim pertraktować o życiu i śmierci,
okrągłym czy kwadratowym.*

*Tymczasem ginęli ludzie,
zdychały zwierzęta,
płonęły domy
i dziczały pola
jak w epokach zamierzchłych
i mniej politycznych.*

Filhos da época

Tradução de Ana Cristina Cesar

Somos os filhos da época,
e a época é política.
Todas as coisas – minhas, tuas, nossas,
coisas de cada dia, de cada noite
são coisas políticas.
Queiras ou não queiras,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um brilho político.
O que dizes tem ressonância,
o que calas tem peso
de uma forma ou outra – político.
Mesmo caminhando contra o vento
dos passos políticos
sobre solo político.
Poemas apolíticos também são políticos,
e lá em cima a lua já não dá luar.
Ser ou não ser: eis a questão.
Oh, querida que questão mal parida.
A questão política.
Não precisas nem ser gente
para teres importância política.
Basta ser petróleo, ração,
qualquer derivado, ou até
uma mesa de conferência cuja forma
vem sendo discutida meses a fio.
Enquanto isso, os homens se matam,
os animais são massacrados,
as casas queimadas,
os campos se tornam agrestes
como nas épocas passadas
e menos políticas.

Schyłek wieku

Wisława Szymborska

*Miał być lepszy od zeszyłych nasz XX wiek.
Już tego dowieść nie zdąży,
lata ma policzone,
krok chwiejny,
oddech krótki.*

*Już zbyt wiele się stało,
co się stać nie miało,
a to, co miało nadejść,
nie nadeszło.*

*Miało się mieć ku wiosnie
i szczęściu, między innymi.*

*Strach miał opuścić góry i doliny.
Prawda szybciej od kłamstwa
miała dobiegać do celu.*

*Miało się kilka nieszczęść
nie przydarzyć już,
na przykład wojna
i głód, i tak dalej.*

*W poważaniu być miała
bezbronność bezbronych,
ufność i tym podobne.*

*Kto chciał cieszyć się światem,
ten staje przed zadaniem
nie do wykonania.*

*Głupota nie jest śmieszna.
Mądrość nie jest wesola.*

*Nadzieja
to już nie jest ta młoda dziewczyna
et cetera, niestety.*

*Bóg miał nareszcie uwierzyć w człowieka
dobrego i silnego,
ale dobry i silny
to ciągle jeszcze dwóch ludzi.*

*Jak żyć – spytał mnie w liście ktoś,
kogo ja zamierzałam spytać
o to samo.*

*Znowu i tak jak zawsze,
co widać poniżej,
nie ma pytań pilniejszych
od pytań naiwnych.*

Crepúsculo do século

Tradutor desconhecido

Devia ter sido melhor que os anteriores o nosso século XX.
Já não conseguirá sê-lo,
tem os anos contados,
o passo vacilante, o fôlego curto.

Já demasiadas coisas se passaram
que se não deveriam ter passado,
e não chegou
o que deveria ter chegado.

Devia ter-se tendido mais para a primavera
e para a felicidade, entre outras coisas.

O terror devia ter abandonado vales e montanhas.
E, mais rápida que a mentira,
devia ter sido a verdade a primeira a chegar.

Houve desgraças
que já não deviam ter acontecido,
a guerra, por exemplo,
e a fome, e por aí fora.

Deveriam ter sido considerados
a incapacidade de defesa dos indefesos,
a confiança e etc.

A quem quis alegrar-se com o mundo,
deparou-se-lhe um projeto
impossível de realizar.

A imbecilidade não é cômica.
A sensatez não é alegre.
A esperança não é já aquela rapariga fresca
e mais e mais, infelizmente.

Deus deveria finalmente ter confiado no homem
bom e forte,
mas o bom e o forte
continuam a ser duas pessoas.

Como viver, perguntou-me numa carta alguém
a quem eu tencionava perguntar
a mesma coisa.

Uma vez mais e como sempre,
como se vê no que acabei de dizer,
não há perguntas mais urgentes
que as ingênuas.

Jacyś ludzie

Wisława Szymborska

*Jacyś ludzie w ucieczce przed jakimiś ludźmi.
W jakimś kraju pod słońcem
i niektórymi chmurami.*

*Zostawiają za sobą jakieś swoje wszystko,
obsiane pola, jakieś kury, psy,
lusterka, w których właśnie przegląda się ogień.*

*Mają na plecach dzbanki i tobołki,
im bardziej puste, tym z dnia na dzień cięższe.*

*Odbywa się po cichu czyjeś ustawianie,
a w zgiełku czyjeś komuś chleba wydzieranie
i czyjeś martwym dzieckiem potrząsanie.*

*Przed nimi jakaś wciąż nie tędy droga,
nie ten, co trzeba most
nad rzeką dziwnie różową.
Dokoła jakieś strzały, raz bliżej, raz dalej,
w górze samolot trochę kołujący.*

*Przydałaby się jakaś niewidzialność,
jakaś bura kamiennność,
a jeszcze lepiej niebyłość
na pewien krótki czas albo i długi.*

*Coś jeszcze się wydarzy, tylko gdzie i co.
Ktoś wyjdzie im naprzeciw, tylko kiedy, kto,
w ilu postaciach i w jakich zamiarach.
Jeśli będzie miał wybór,
może nie zechce być wrogiem
i pozostawi ich przy jakimś życiu.*

Uma certa gente

Tradução de Regina Przybycien

Uma certa gente fugindo de outra gente
em um certo país sob o sol
e algumas nuvens.

Deixam para trás um certo seu tudo
campos semeados, umas galinhas, cães,
espelhos nos quais agora se fita o fogo.

Trazem às costas trouxas e potes
quanto mais vazios tanto mais pesados a cada dia.

É no silêncio que alguém cai de exaustão
é no alarido que alguém rouba de alguém o pão
e o filho morto de alguém é sacudido.

À sua frente uma estrada sempre errada
uma ponte, mas não a que precisam
sobre um rio curiosamente rosado.
Ao redor uns disparos, ora mais perto, ora mais longe,
No alto um avião que rodopia.

Viria a calhar certa invisibilidade
uma cinzenta rochosidade
ou melhor ainda a inexistência
por um tempo breve ou longo.

Algo ainda vai acontecer, mas onde e o quê?
Alguém vai lhes barrar o caminho, mas quando, quem,
serão quantos e com que intenções.
se tiver escolha,
talvez não queira ser inimigo
e os deixe com alguma vida.

Portret grecki

Czesław Miłosz

*Brodę mam gęstą, oczy przesłonięte
Powieką, jak u tych co znają cenę
Rzeczy widzianych. Milczę jak przystoi
Mężowi, który wie, że ludzkie serce
Więcej pomieści niż mowa. Rodzinny
Kraj, dom i urząd publiczny rzuciłem
Nie żebym szukał zysku albo przygód.
Nie jestem cudzoziemcem na okrętach.
Twarz pospolita, poborcy podatków,
Kupca, żołnierza, nie różni mnie w tłumie.
Ani się wzbraniam oddać cześć należną
Miejscowym bóstwom. I jem to co inni.
Tyle wystarczy powiedzieć o sobie.*

Retrato grego

Tradução de Henryk Siewierski e
Marcelo Paiva de Souza

Tenho a barba espessa, os olhos velados
Pelas pálpebras, como nos que sabem o preço
Das coisas que viram. Me calo como convém
A um homem ciente de que no coração humano
Cabe mais do que na fala. Deixei o país
Natal, o lar e o serviço público
Não porque buscasse lucro ou aventuras.
Não sou um estrangeiro dos navios.
O rosto comum, o do cobrador de impostos,
Do comerciante, do soldado, não me distingue na multidão.
Nem me recuso a prestar a devida homenagem
Aos deuses locais. E como o que se come.
É quanto basta dizer sobre si mesmo.

Ziemia

Czesław Miłosz

Słodka moja europejska ojczyzno,

*Motyl siadając na twoich kwiatach plami skrzydła krwią,
Krew się zbiera w paszczy tulipanów,
Gwiazdą mieni się na dnie powojów
I splukuje ziarna twego zboża.*

*Twoi ludzie grzeją sine ręce
Przy woskowej gromnicy pierwiosnka
I na polach słyszą jak zawodzi
Wicher w lufach ustawionej broni.*

*Ziemią jesteś gdzie nie wstyd jest cierpieć,
Bo usłużą szklanką gorzkich płynów
W której na dnie jest trucizna wieków.*

*W twój rozdarty wieczór mokrych liści,
Nad wodami w których dotąd płynie
Rdza zapadłej zbroi centurionów,
U podnóża potrzaskanych wieżyc,
W cieniu przęseł jak cień akweduktów,
Pod spokojnym baldachimem skrzydeł sowy,*

Mak czerwony, ścięty szronem łez.

Terra

Tradução de Henryk Siewierski e
Marcelo Paiva de Souza

Doce pátria minha europeia,

A borboleta que pousa em tuas flores mancha as asas de sangue,
O sangue escorre das presas das tulipas,
Esboça uma estrela no bojo das convulvuláceas
E lava messe de teus grãos.

Tua gente aquece as mãos lívidas
Junto à vela benta de primula
E ouve nos campos o pranto
Do redemoinho nos canos da arma engatilhada.

És uma terra onde não é vergonha sofrer,
Pois hão de trazer a taça de fluidos amargos
No fundo da qual repousa o veneno dos séculos.

Em tua noite dilacerada de folhas úmidas
Sobre as águas em que ainda flutua
A ferrugem da remota panóplia dos centuriões,
Ao pé das torres destroçadas,
À sombra dos arcos como sombra de arquedutos
Sob o sereno baldaquim das asas da coruja,

Uma papoula vermelha, álgida na geada de lágrimas.

Wietnam

Wisława Szymborska

*Kobieto, jak się nazywasz? — Nie wiem.
Kiedy się urodziłaś, skąd pochodzisz? — Nie wiem.
Dlaczego wykopałaś sobie norę w ziemi? — Nie wiem.
Odkąd się tu ukrywasz? — Nie wiem.
Czemu ugryzłaś mnie w serdeczny palec? — Nie wiem.
Czy wiesz, że nie zrobimy ci nic złego? — Nie wiem.
Po czyjej jesteś stronie? — Nie wiem.
Teraz jest wojna, musisz wybrać. — Nie wiem.
Czy twoja wieś jeszcze istnieje? — Nie wiem.
Czy to są twoje dzieci? — Tak.*

Vietnam

Tradução de Henryk Siewierski e
José Santiago Naud

Mulher, como te chamas? — Não sei.
Quando nasceste, tua origem? — Não sei.
Por que cavaste um buraco na terra? — Não sei.
Há quanto tempo estás aqui escondida? — Não sei.
Por que mordeste o meu anular? — Não sei.
Sabes, não te faremos mal nenhum. — Não sei.
De que lado estás? — Não sei.
É tempo de guerra, tens de escolher. — Não sei.
Existe ainda a tua aldeia? — Não sei.
E estas crianças, são tuas? — Sim.

Terrorysta, on patrzy

Wisława Szymborska

*Bomba wybuchnie w barze trzynasta dwadzieścia.
Teraz mamy dopiero trzynastą szesnaście.
Niektórzy zdążą jeszcze wejść.
Niektórzy wyjść.*

*Terrorysta już przeszedł na drugą stronę ulicy.
Ta odległość go chroni od wszelkiego złego
no i widok jak w kinie:*

*Kobieta w żółtej kurtce, ona wchodzi.
Mężczyzna w ciemnych okularach, on wychodzi.
Chłopaki w dżinsach, oni rozmawiają.
Trzynasta siedemnaście i cztery sekundy.
Ten niższy to ma szczęście i wsiada na skuter,
a ten wyższy to wchodzi.*

*Trzynasta siedemnaście i czterdzieści sekund.
Dziewczyna, ona idzie z zieloną wstążką we włosach.
Tylko że ten autobus nagle ją zasłania.*

*Trzynasta osiemnaście.
Już nie ma dziewczyny.
Czy była taka głupia i weszła, czy nie,
to się zobaczy, jak będą wynosić.*

*Trzynasta dziewiętnaście.
Nikt jakoś nie wchodzi.
Za to jeszcze wychodzi jeden gruby łysy.
Ale tak, jakby szukał czegoś po kieszeniach i
o trzynastej dwadzieścia bez dziesięciu sekund
wraca po te swoje marne rękawiczki.*

*Jest trzynasta dwadzieścia.
Czas, jak on się wlecze.
Już chyba teraz.
Jeszcze nie teraz.
Tak, teraz.
Bomba, ona wybuchła.*

O terrorista, ele observa

Tradução de Regina Przybycien

A bomba vai explodir no bar às treze e vinte.
Agora são só treze e dezesseis.
Alguns ainda terão tempo de entrar.
Alguns de sair.

O terrorista já cruzou para o outro lado da rua.
A distância o protege de qualquer perigo
e a vista, bom, é como no cinema:

Uma mulher de casaco amarelo, ela entra.
Um homem de óculos escuros, ele sai.
Uns jovens de jeans, eles conversam.
Treze e dezessete e quatro segundos.
Aquele cara mais baixo tem sorte, sai de lambreta,
Aquele mais alto entra.

Treze e dezessete e quarenta segundos.
Uma moça, ela passa com uma fita verde no cabelo.
Só que o ônibus a encobre de repente.

Treze e dezoito.
A moça sumiu.
Se foi tola de entrar ou não
vai se saber quando os carregarem para fora.

Treze e dezenove.
Parece que ninguém mais entra.
Aliás, um gordo careca sai.
Remexe os bolsos como se procurasse algo
e faltando dez segundos para as treze e vinte
volta para buscar a droga das luvas que perdeu.

São treze e vinte.
O tempo, como ele voa.
Deve ser agora.
Ainda não.
É agora.
A bomba, ela explode.

Nigdy od ciebie, miasto

Czesław Miłosz

*Nigdy od ciebie, miasto, nie mogłem odjechać.
Długa była mila ale cofało mnie jak figurę w szachach.
Uciekałem po ziemi obracającej się coraz prędej
A zawsze byłem tam: z książkami w płóciennnej torbie,
Gapiący się na brązowe pagórki za wieżami Świętego Jakuba
Gdzie nisza się drobny koń i drobny człowiek za pługiem,
Najoczywiściej od dawna nieżywi.
Tak, to prawda, nikt nie pojął społeczeństwa ni miasta,
Kin Lux i Helios, szyldów Halperna i Segala,
Deptaku na Świętojerskiej nazwanej Mickiewicza.
Nie, nikt nie pojął. Nikomu się nie udało.
Ale kiedy życie się strawi na jednej nadziei:
Że w jakiś dzień już tylko ostrość i przezroczystość,
To, bardzo często, żal.*

Nunca de ti, cidade

Tradução de Henryk Siewierski e
Marcelo Paiva de Souza

Nunca de ti, cidade, eu pude partir.
Foram longas milhas mas algo me detinha qual a uma peça de xadrez.
Ia fugindo pela terra que girava cada vez mais depressa
E sempre estive ali: com meus livros na bolsa de pano,
Olhando o marrom das colinas atrás das torres de São Jacó
Enquanto se movem pequeninos um cavalo e um homem ao arado,
Que certamente há muito já não vivem.
Sim, de fato, ninguém entendeu a sociedade nem a cidade,
Os cinemas Lux e Helios, os letreiros Halpern e Segal,
A calçada Świętojerska na chamada Mickiewicz.
Não, ninguém entendeu. Ninguém conseguiu.
Mas quando a vida se consome numa única esperança:
De que algum dia só nitidez e transparência,
É, não raro, pena.

Zaklęcie

Czesław Miłosz

*Piękny jest ludzki rozum i niezwyknięty.
Ani krata, ni drut, ni oddanie książek na przemiał,
Ani wyrok banicji nie mogą nic przeciw niemu.
On ustanawia w języku powszechne idee
I prowadzi nam rękę, więc piszemy x wielkiej litery
Prawda i Sprawiedliwość, a z małej kłamstwo i krzywda.
On ponad to co jest wynosi co być powinno,
Nieprzyjaciel rozpaczy, przyjaciel nadziei.
On nie zna Żyda ni Greka, niewolnika ni pana,
W zarząd oddając nam wspólne gospodarstwo świata.
On z plugawego zgiełku dręczonych wyrazów
Ocala zdania surowe i jasne.
On mówi nam, że wszystko jest ciągle nowe pod słońcem,
Otwiera dłoń zakrzepłą tego co już było.
Piękna i bardzo młoda jest Filo-Sofija
I sprzymierzona z nią poezja w służbie Dobrego.
Natura ledwo wczoraj święciła ich narodziny,
Wieść o tym górach przyniosły jednorożec i echo.
Sławna będzie ich przyjaźń, ich czas nie ma granic.
Ich wrogowie wydali siebie na zniszczenie.*

Conjuro

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

Bela é a razão humana e invencível.
Nem grades, nem arame farpado, nem trituração de livros,
Nem a condenação ao exílio nada podem contra ela.
Ela instala nas línguas ideias universais
E guia nossa mão, de sorte que escrevemos com maiúscula
Verdade e Justiça, e com minúscula mentira e iniquidade.
Acima do que é ela ergue o que deveria ser,
Inimiga do desespero, amiga da esperança.
Ela não conhece judeu nem grego, servo ou senhor,
Confiando a nosso governo o ofício comum do mundo.
Da vil balbúrdia das palavras atormentadas
Ela salva as frases severas e claras.
Ela nos diz que tudo é sempre novo sob o sol,
Abre a mão petrificada do que já foi.
Bela e muito jovem é a Philo-Sophia
E a poesia, sua aliada a serviço do Bem.
A natureza ainda ontem festejou seu nascimento,
O licorne e o eco trouxeram a notícia às montanhas.
Gloriosa será esta amizade, seu tempo não tem fim.
Seus adversários fadaram-se à destruição.

Czesław Miłosz

*Nie myślałem, że żyć będę w tak osobliwej chwili.
Kiedy Bóg skalnych wyżyn i gromów,
Pan Zastępów, Kyrios Sabaoth,
Najdotkliwiej upokorzy ludzi,
Pozwoliwszy im działać jak tylko zapragną,
Im zostawiając wnioski i nie mówiąc nic.
Było to widowisko niepodobne, zaiste,
Do wiekowego cyklu królewskich tragedii.
Drogom na betonowych słupach, miastom ze szkła i żeliwa,
Lotniskom rozleglejszym niż plemienne państwa
Nagle zabrakło zasady i rozpadły się.
Nie we śnie ale na jawie, bo sobie odjęte
Trwały jak trwa to tylko, co trwać nie powinno.
Z drzew, polnych kamieni, nawet cytryn na stole
Uciekła materialność i widmo ich
Okazywało się pustką, dymem na kliszy.
Wydziedziczona z przedmiotów mrowiła się przestrzeń.
Wszędzie było nigdzie i nigdzie, wszędzie.
Litery ksiąg srebrniały, chwiały się i nikły.
Ręka nie mogła nakerślić znaku palmy, znaku rzeki, ni naku ihisa.
Wrzawą wielu języków ogłoszono śmiertelność mowy.
Zabroniona była skarga, bo skarżyła się samej sobie.
Ludzie, dotknięci niezrozumiałą udręką,
Zrzucali suknie na placach żeby sądu wzywała ich nagość.
Ale na próżno tęsknili do grozy, litości i gniewu.
Za mało uzasadnione
Były praca i odpoczynek
I twarz i włosy i biodra
I jakiegokolwiek istnienie.*

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

*Não achei que viveria momento tão singular.
Quando o Deus dos trovões e cumes rochosos,
O Senhor dos Exércitos, Kyrios Sabaoth,
Humilhasse mais duramente os homens,
Permitindo que agissem como bem quisessem,
Deixando-lhes as conclusões e não dizendo nada.
O espetáculo não lembrava, com efeito,
O ciclo de séculos das tragédias da realeza.
Estradas sobre vigas de concreto, cidades de vidro e ferro fundido,
Aeroportos inda maiores que territórios tribais
De súbito careceram de fundamento e ruíram.
Não em sonho, mas à luz do dia, porque amputados de si
Duravam como só dura o que não deveria durar.
Das árvores, pedras do campo, até dos limões na mesa
Fugiu toda a matéria e seu espectro
Não era mais que o vazio, fumaça numa película.
Deserdado dos objetos pululava o espaço.
Toda parte era parte alguma e parte alguma, toda parte.
As letras dos livros se apagavam, vacilavam e sumiam.
A mão não lograva traçar o signo da palmeira, o signo do rio, nem o signo do íbis.
Num alarido de muitas línguas era anunciada a morte da palavra.
O lamento era proibido, porque só lamentava a si mesmo.
Acometidas de inexplicável tormento as pessoas
Despiam-se nas praças, para que sua nudez intimasse o juízo.
Mas em vão ansiavam por horror, piedade e fúria.
Pouco fundamentados
Eram o trabalho e o descanso
E o rosto e os cabelos e os quadris
E toda e qualquer existência.*

Wrażenia z teatru

Wisława Szymborska

*Najważniejszy w tragedii jest dla mnie akt szósty:
zmartwychwstanie z pobożowisk sceny,
poprawianie peruk, szatek,
wyrywanie noża z piersi, zdejmowanie pętli z szyi,
ustawianie się w rzędzie pomiędzy żywymi
twarzą do publiczności.*

*Ukłony pojedyncze i zbiorowe:
biała dłoń na ranie serca,
dyganie samobójczyni,
kiwanie ściętej głowy.*

*Ukłony parzyste:
wściekłość podaje ramię łagodności,
ofiara patrzy błogo w oczy kata,
buntownik bez urazy stąpa przy boku tyrana.*

*Deptanie wieczności noskiem złotego trzewiczka.
Rozpędzanie moralów rondem kapelusza.
Niepoprawna gotowość rozpoczęcia od jutra na nowo.*

*Wejście gęsiego zmarłych dużo wcześniej,
bo w akcie trzecim, czwartym oraz pomiędzy aktami.
Cudowny powrót zaginionych bez wieści.*

*Myśl, że za kulisami czekali cierpliwie,
nie zdejmując kostiumu,
nie zmywając szminki,
wzrusza mnie bardziej niż tyrady tragedii.*

*Ale naprawdę podniosłe jest opadanie kurtyny
i to, co widać jeszcze w niskiej szparze:
tu oto jedna ręka po kwiat spiesznie sięga,
tam druga chwyta upuszczony miecz.
Dopiero wtedy trzecia, niewidzialna,
spełnia swoją powinność:
ściska mnie za gardło.*

Impressões do teatro

Tradução de Regina Przybycien

Para mim, o mais importante na tragédia é o sexto ato:
o ressuscitar dos mortos nos campos de batalha,
o ajeitar das perucas e dos trajés,
a faca arrancada do peito,
a corda tirada do pescoço,
o perfilar-se entre os vivos
todos voltados para o público.

As reverências individuais e coletivas
A mão pálida sobre o peito ferido,
As medidas do suicida
O acenar da cabeça cortada.

As reverências em pares:
A fúria dá o braço à brandura,
A vítima lança um olhar doce ao carrasco,
o rebelde caminha sem rancor ao lado do tirano.

O pisar na eternidade com a ponta da botina dourada.
A moral varrida com o esvoaçar da aba do chapéu.
A incorrigível disposição de amanhã começar de novo.

A entrada em fileira dos que morreram antes,
nos atos três e quatro, ou nos entreatos.
A volta milagrosa dos que sumiram sem vestígios.
Pensar que, pacientes, esperavam nos bastidores
sem tirar os trajés,
sem remover a maquiagem,
me comove mais que todas as tiradas trágicas.

Mas o mais sublime é o cair do pano
e o que ainda se avista pela fresta :
Aqui uma mão se estende para pegar as flores,
Acolá outra apanha a espada caída.
Por fim uma terceira mão, invisível,
me aperta a garganta.

Koniec i początek

Wisława Szymborska

*Po każdej wojnie
ktoś musi posprzątać
Jaki taki porządek
sam się przecież nie robi.*

*Ktoś musi zepchnąć gruzy
na pobocza dróg,
żeby mogły przejechać
wozy pełne trupów.*

*Ktoś musi grzęznąć
w szlamie i popiele,
sprężynach kanap,
drzazgach szkła
i krwawych szmatach.*

*Ktoś musi przywlec belkę
do podparcia ściany,
ktoś oszklić okno
i osadzić drzwi na zawiasach.*

*Fotogeniczne to nie jest
i wymaga lat.
Wszystkie kamery wyjechały już
na inną wojnę.*

*Mosty trzeba z powrotem
i dworce na nowo.
W strzępach będą rękawy
od zakasywania.*

Fim e começo

Tradução de Regina Przybycien

Depois de cada guerra
alguém tem que fazer a faxina.
Colocar uma certa ordem
que afinal não se faz sozinha.

Alguém tem que jogar o entulho
para o lado da estrada
para que possam passar
os carros carregando os corpos.

Alguém tem que se afundar
no lodo e nas cinzas
em molas de sofás
em cacos de vidro
e em trapos ensanguentados.

Alguém tem que erguer a viga
para apoiar a parede,
pôr a porta nos caixilhos,
envidraçar as janelas.

A cena não rende foto
e pode levar anos.
E todas as câmeras já debandaram
para outra guerra.

As pontes têm que ser refeitas,
e também as estações.
De tanto arregaçá-las,
as mangas ficarão em farrapos.

*Ktoś z miotłą w rękach
wspomina jeszcze jak było.
Ktoś słucha
przysłuchuje nie urwaną głową.
Ale już w ich pobliżu
zaczną kręcić się tacy,
których to będzie nudzić.*

*Ktoś czasem jeszcze
wykopie spod krzaka
przeżarte rdzą argumenty
i poprzemieni je na stos odpadków.*

*Ci, co wiedzieli
o co tutaj szło,
muszą ustąpić miejsca tym,
co wiedzą mało.
I mniej niż mało.
I wreszcie tyle co nic.*

*W trawie, która porosła
przyczyny i skutki,
musi ktoś sobie leżeć
z kłosem w zębach
i gapić się na chmury.*

Alguém de vassoura na mão
ainda recorda como foi.
Alguém escuta
meneando a cabeça que se safou.
Mas ao seu redor já rondam
os que acham tudo muito chato.

Às vezes alguém desenterra
de sob um arbusto
velhos argumentos enferrujados
e os arrasta para o lixo.

Os que sabem
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem,
ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.

Na relva que cobriu
as causas e os efeitos
alguém vai se deitar
com um capim entre os dentes
e namorar as nuvens.

Po odcierpieniu

Czesław Miłosz

*Hipoteza zmartwychwstania,
Którą pewien uczyony wywiódł z mechaniki kwantowej,
Przewiduje powrót do bliskich nam miejsc i ludzi
Za miliard albo dwa miliardy ziemskich lat
(Co w pozaczasie równa się jednej chwili).
Rad jestem, że dożyłem spełnienia się przepowiedni
O możliwym aliansie religii i nauki,
Który przygotowali Einstein, Pianek i Bohr.
Nie biorę zbyt poważnie naukowych fantazji,
Mimo że respektuję wzory i wykresy.
To samo ujął krócej Piotr Apostoł,
Mówiąc: A p o k a t a s t a s i s p a n t o n,
Odnowienie wszechrzeczy.
Jednakże to pomaga: móc sobie wyobrazić,
Że każda osoba ma kod zamiast życia
W przechowalni na wieczność, nadkomputerze wszechświata.
Rozpadamy się w zgniliznę, proch, mikronawozy,
Ale zostaje ten szyfr czyli esencja,
I czeka, aż nareszcie obleka się w ciało.
Jak również, skoro ta nowa cielesność
Powinna być obmyta ze zła i choroby,
Idea Czyścica ma udział w równaniu.
Nie co innego wierni w wiejskim kościele
Chóralnie powtarzają, prosząc o żywot wieczny.
I ja z nimi. Nie rozumiejący
Kim będę, kiedy zbudzę się po odcierpieniu.*

Depois da penitência

Tradução de Henryk Siewierski
e Marcelo Paiva de Souza

A hipótese da ressurreição,
Que um cientista deduziu da mecânica quântica,
Prevê o retorno aos lugares e pessoas de que gostamos
Em um ou dois bilhões de anos terrenos
(O que no além-do-tempo é igual a um instante).
Estou contente por estar vivo quando se cumpre a profecia
Sobre a possível aliança entre a ciência e a religião,
Preparada por Einstein, Planck e Bohr.
Não levo muito a sério as fantasias científicas,
Embora respeite as fórmulas e gráficos.
Pedro Apóstolo foi mais conciso
Dizendo: A p o k a t a s t a s i s p a n t o n,
A renovação de todas as coisas.
Porém isso ajuda: poder imaginar
Que cada um de nós, em vez da vida, tem um código
Guardado num depósito para a eternidade, o supercomputador do universo.
Nos desmanchamos em podridão, cinzas, microadubo,
Mas aquela cifra, ou seja, a essência, permanece
E espera, até que por fim se reveste de corpo.
E se esta nova corporeidade
Precisa ser lavada do mal e da doença,
A ideia do Purgatório também entra na equação.
Não é outra coisa que os fiéis numa igreja de aldeia
Repetem em coro, pedindo a vida eterna.
E eu com eles. Sem entender
Quem serei, quando acordar depois da penitência.

Przedmowa

Czesław Miłosz

*Ty, którego nie mogłem ocalić,
Wysłuchaj mnie.
Zrozum tę mowę prostą, bo wstydzę się innej.
Przysięgam, nie ma we mnie czarodziejstwa słów.
Mówię do ciebie milcząc, jak obłok czy drzewo.*

*To, co wzmacniało mnie, dla ciebie było śmiertelne.
Żegnanie epoki brałeś za początek nowej,
Natchnienie nienawiści za piękno liryczne.
Siłę ślepą za dokonany kształt.*

*Oto dolina płytkich polskich rzek. I most ogromny
Idący w białą mgłę. Oto miasto złamane
I wiatr skwirami mew obrzuca twój grób.
Kiedy rozmawiam z tobą.*

*Czym jest poezja, która nie ocala
Narodów ani ludzi?
Wspólnictwem urzędowych kłamstw,
Piosenka pijaków, którym za chwilę ktoś poderżnie gardła,
Czytanką z panieńskiego pokoju.*

*To, że chciałem dobrej poezji, nie umiając,
To, że późno pojąłem jej wybawczy cel.
To jest i tylko to jest ocalenie.*

*Sypano na mogiły proso albo mak
Żywiąc zlatujących się umarłych-ptaki.
Tę książkę kładę tutaj dla ciebie, o dawny,
Abyś nas odtąd nie nawiedził więcej.*

Prefácio

Tradução de Henryk Siewierski e José Santiago Naud

Tu a quem não pude salvar
Escuta-me.
Tenta compreender este simples discurso porque tenho vergonha de outro.
Juro que em mim não existem as magias do verbo.
Te falo em silêncio como nuvem ou árvore.

O que me fazia forte, para ti foi letal.
Confundiste o adeus a uma época com o começo de outra,
A inspiração do rancor com a beleza lírica,
A força bruta com a forma perfeita.

Eis o vale dos rasos rios polacos. E uma ponte imensa
Furando a neblina branca. Eis a cidade quebrada,
E o vento arrasta o pio das gaivotas sobre o teu sepulcro
Quando eu estou falando contigo.

Que é a poesia que não salva
Nem as nações nem a gente?
Uma trama de mentiras oficiais,
Uma canção de bêbados cujas gargantas podiam ser cortadas de repente.
Uma leitura para meninas de colégio.

Que eu quisesse a boa poesia sem poder fazê-la,
Que eu tardiamente entendesse o seu fim redentor,
Isto e só isto é salvação.

Jogavam-se nas tumbas sementes de painço e papoula
Para nutrir os mortos que chegavam voando — pássaros.
Aqui deponho este livro para ti, ó antepassado,
Para que não voltes mais a visitar-nos.

Traduzindo (im)possibilidades – ou da poesia(,) em outras palavras

Bruno Reis de Oliveira

[A tradução] é uma arte. O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatutário fixa o inafixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível.

Paulo Rónai

Em tal mundo de alternativas, pode até mesmo que o senso comum se atreva a tentar especular sobre aquelas relacionadas à tradução. Em outras palavras, diz-se do quão plausível seria se as pessoas, de uma hora pra outra, resolvessem rondar suas angústias em tal tom: “Será que existe a materialização da tradução? Ou essas a que lhe dão de nome não seriam mais que mera imperfeição, ceifadas da significância original, fadadas à doença da incompletude?”.

Essas questões – ainda que tomadas de empréstimo das elucubrações acima inventadas para servirem de motivo – são deveras relevantes no âmbito da crítica literária e da teoria da tradução – já havia chamado atenção Octavio Paz. Ainda hoje, muito se escreve, muito se estuda sobre a possibilidade de se traduzir para outra língua as originalidades de texto, as criações inaugurais em palavra.

Paulo Rónai, em seu “Traduzir o intraduzível”, toma como ponto de partida a tarefa classificada por “impossível” do tradutor – sendo que ele mesmo o é –, para justificar um fato: a obra efetivamente traduzida. Nas elaborações da sua proposta, segue explorado o papel desse sujeito: uma espécie de “comerciante” constante com a vida – nos dizeres emprestados de Valery Larbaud –, que com ela estabelece trocas intermitentes. O ofício do tradutor é percebido como uma relação íntima com a novidade, e não como uma arqueologia de fichamentos eternos da semântica absoluta de cada verbo, no entendimento de Rónai.

Pois bem, é mesmo esse exercício dialético entre os limites do “ser traduzível” – e que expressa metalinguisticamente a tradução: o movimento, o inacabado, o eterno novo – que deve orientar nossa posição sobre o tema da tradução de poesia. É verdade que existam obras originais e as suas versões em línguas diversas, motivo pelo qual não se nega a possibilidade da tradução. Por outro lado, não se pode aceitar que, mesmo tomando como base um registro poético dado, haja literalmente tradução, considerada como simples e direta reprodução ou transposição de signos de uma a outra língua. A “tradução” de poesia exige exercício criativo; exige cultura, algo de música e léxico; exige, enfim, poesia.

Antes de desenvolver mais a reflexão sobre a sua relação com a poesia, partimos para um apontamento sobre a tradução como prática linguística. Octavio Paz já havia pontuado que “aprender a falar é aprender a traduzir”. Esse pensamento seria coincidente com a classificação de “tradução intralingual”, ou “reformulação”, proposta por Jakobson. Segundo esse autor, outras duas classificações seriam possíveis: a “tradução interlingual” ou “tradução propriamente dita”, que seria aquela de processamento dos signos linguísticos de uma língua a outra, e a “tradução intersemiótica” ou “transmutação”, aquela em que os signos verbais são interpretados por meio de sistemas de signos não verbais, e vice-versa.

Ao nos referirmos ao termo em foco, quase sempre nos direcionamos à chamada “tradução interlingual”. Sobre essa categoria, Jakobson afirma: “ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua”. Nota-se que esse autor, assim como Octavio Paz, entende a tradução como um processo discursivo, e não como um fenômeno estritamente lexical.

Walter Benjamim também destaca que a fidelidade na tradução das palavras de forma isolada quase nunca consegue indicar o seu sentido efetivo no original, visto que esse sentido não está esgotado no que é designado, senão na forma como esse designado se liga ao modo de designar cada palavra do texto traduzido.

Esse posicionamento é essencial para que partamos para a análise da tradução de poesia. Isso porque esse gênero textual carrega dentro de seu discurso um extenso número de elementos que, conjugados – e somente se conjugados –, tornam possível a arte, a sutileza de se fazer realização poética. Não bastaria, com isso, o mero intercâmbio de um verbo por outro, correspondentes unicamente do ponto de vista da significação, para se produzir poesia traduzida. Outrossim, também a poesia traduzida deve guardar respeito a esses elementos próprios do seu discurso, a essa organização interna. O discurso poético é semântica – mas também é métrica, ritmo, contexto, sugestão, pluralidade...

Talvez por esse caráter peculiar que envolve a poesia, Paz defenda que, pelo menos em teoria, somente os poetas deveriam traduzir poesia – em teoria porque esses, ao se depararem com um original, querem escrever seu próprio poema partindo desse primeiro, e isso não é traduzir. O caminho deveria ser, por outro lado, no sentido de construir um poema análogo, ainda que não idêntico ao primeiro. Conclui esse autor que um bom tradutor de poesia é um tradutor e, mais que isso, é um poeta; não basta ser apenas tradutor ou apenas poeta, visto que tradução e criação devem ser encaradas como operações gêmeas.

A tarefa de traduzir poesia é, pois, uma tarefa deveras complexa. Nelson Ascher em um artigo oportunamente intitulado “Poesia é o que se ganha na tradução” reflete que traduzir poesia não se encontra no nível da fidelidade, mas sim no da busca por respostas aos problemas apresentados pelo poema original, a partir do instrumental de uma língua segunda e de uma época outra e suas convenções. Além disso, lembra da impossibilidade da tradução perfeita, visto que nem mesmo o original o é.

Toda essa história serve para destacar e ressaltar de quão nobres feitos se constitui o labor do “poeta-tradutor” – labor esse, infelizmente, pouco reconhecido, como previne Jorge Luís Borges: “a obra do tradutor sempre é tida como inferior – ou, o que é pior, é sentida como inferior – ainda que, verbalmente, a versão seja tão boa quanto o texto”. É do próprio Borges o destaque de que, vistos

os textos por olhos sem o vício do saber de qual se trata do original ou da tradução, um e outro seriam julgados com equidade. Não há diferença substancial entre os textos pelos próprios textos, e sim por seu *status*: “muitos dos melhores poemas do Ocidente são traduções”, arremata Paz, sem qualquer contaminação do senso comum que, via de regra, inferioriza, sentencialmente, a tradução.

Um último aspecto a ser explorado nesse texto é a respeito da possibilidade, de fato, de se traduzir. Em outras palavras, o que definiria no texto uma maior ou menor possibilidade de ele ser traduzido? Benjamim traz uma contribuição para solução desse questionamento. Para ele, há um elemento responsável por isso que é inerente a certas obras, a chamada traduzibilidade. É essa traduzibilidade, enfim, que garante uma relação de proximidade entre o original e a tradução – esta última tendendo a expressar o mais íntimo relacionamento entre as duas línguas.

Na tradução de poesia, o “poeta-tradutor” deve encarar um papel de detetive atento e de cosmopolita confesso. Sua orientação sensível deve buscar apreender os indícios de traduzibilidade de cada verso, convertendo-o em obra reinventada, porta-voz de uma espécie de “novidade em outras palavras”, e segundo os preceitos de uma cultura e de uma época determinados pelo povo e pela língua que ele fala. Somente com tal afinco, torna-se possível a atividade impossível da poesia traduzida, peculiar forma de arte soprada pelo verbo tornado acessível.

Vozes da guerra

Stéphanie Paes Rodrigues

Czesław Miłosz O vencedor do prêmio Nobel de 1980, Czesław Miłosz, foi um escritor, tradutor e crítico polonês, nascido na Lituânia em 1911, país onde residiu até os anos trinta. Em Vilna, capital da Lituânia, onde viveu durante os seus anos de formação, Miłosz participou ativamente dos movimentos literários. Aos 21 anos, escreveu seu primeiro livro de poesias, *Poemat o Czasie Zastyglym (Poemas do Tempo Congelado)*, e juntou-se ao grupo dos poetas “catastróficos”, conhecidos pelas suas previsões de desastres mundiais.

Morador de Varsóvia quando estourou a Segunda Guerra Mundial, passou a colaborar com a Resistência durante a ocupação nazista na Polônia, editando, escrevendo e traduzindo textos para a imprensa clandestina. Seu texto mais conhecido desse período é “*Pieshn Niepodlegla*” (Canção Invencível, de 1942). Com o fim da Segunda Guerra, sua coletânea de poemas *Ocalenie (Resgate)* é um dos primeiros livros a ser publicado na Polônia comunista, em 1945.

Nos anos cinquenta, tendo sido nomeado adido cultural da Polônia na França e em Washington, optou por exilar-se, primeiro na França e, em seguida, na Califórnia, onde tornou-se professor de literaturas eslavas na Universidade de Berkeley. Somente nos anos 80 decidiu retornar à Polônia e, nos anos 90, à Lituânia, para receber uma condecoração do governo. Nos seus últimos anos de vida, dividiu-se entre Berkeley e Cracóvia, até que, na manhã do dia 14 de agosto de 2004, faleceu, aos 93 anos.

Entre suas obras estão *Prywatne Obowiazki (Obrigações Privadas, 1972)*, *The Collected Poems 1931-1987 (Poemas Reunidos, 1988)* e *Provinces (Províncias, 1993)*.

Wisława Szymborska nasceu em 1923 na região de Poznan, na Polônia, mas ainda criança muda-se para Cracóvia, de onde nunca saiu. No período que vai de 1945 a 1948, em plena Segunda Guerra Mundial, estudou sociologia e literatura na Universidade Jagiellônica de Cracóvia. É também nesse período que inicia sua obra poética. Tendo seu primeiro livro rejeitado pelo regime comunista por não se adequar às normas da literatura socialista tenta, então, se enquadrar nas regras da ideologia político-estética do regime para conseguir publicar; mas, a partir da década de 50, rejeita esse modelo e toda a sua produção feita até então, não incluindo-a em nenhuma de suas antologias. Foi em 1957 que publicou seu primeiro livro desvinculado do regulamento socialista: *Wolanie do Yeti (Chamado por Yeti)*, em cujos poemas já se nota a presença de alguns temas mais recorrentes em sua poética.

Ainda que menos expressiva do que outros poetas homens, seus contemporâneos, em termos de quantidade, Szymborska possui vários livros publicados e é reconhecida mundialmente, tendo trabalhos traduzidos para diversas línguas. Em 1996 teve seu talento oficialmente reconhecido quando recebeu o prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra. Além de sua poesia, Szymborska tem publicadas também algumas resenhas que escreveu para a revista semanal *Zycie Literackie* com o título de *Lektury nadobowiazkowe (Leituras recomendadas)*, e que, na verdade, são crônicas bem-humoradas baseadas nos temas dos mais variados tipos de livros.

Ponte *poezja*-poesia

Stéphanie Paes Rodrigues

Henryk Siewierski nasceu em Wroclaw, Polônia. Graduiu-se em filologia polonesa pela Universidade Jagiellônica em 1973, onde também cursou seu mestrado, no ano seguinte, e tirou seu título de doutor em Ciências Humanas em 1980. Foi também professor no Instituto de Filologia Polonesa nessa mesma instituição. No Brasil desde 1986, é professor titular de teoria literária na Universidade de Brasília e atua principalmente nas áreas de Literatura Comparada, Teoria Literária, Literatura Polonesa, Tradução, Literatura Brasileira, Poesia Contemporânea e Estudos Culturais. Tradutor tanto do polonês para o português quanto do português para o polonês, está envolvido em projeto de tradução de poesias de Carlos Drummond de Andrade para a sua língua. É membro do corpo editorial da Editora UnB desde 2001, há cinco anos como presidente.

Siewierski possui livros dos quais ele é autor ou organizador publicados no Brasil e no exterior. Entre as obras traduzidas por ele para o português encontram-se sobretudo prosas, com destaque para traduções de obras do escritor polonês Bruno Schultz, sobre o qual também possui estudos publicados. No que tange à poesia, Siewierski participou da tradução e organização de poemas poloneses que foram incluídos nas antologias *Quatro poetas poloneses* (Curitiba: Secretaria do Estado de Cultura do Paraná, 1995) e *Não mais* (Brasília: UnB, 2003), em parceria com José Santiago Naud e Marcelo Paiva de Souza, respectivamente. Além de livros, possui também artigos, ensaios e resenhas publicados em livros, jornais e

revistas especializadas, no Brasil e no exterior, sendo alguns deles sobre tradução, como "Precisão da tradução" (*Correio Brasiliense*, caderno dois. Brasília, 26 out 2000) e "Paulo Rónai e a tradução para uma outra língua" (*UnB Notícias*. v. 40. Brasília).

José Santiago Naud, nascido em 24 de julho de 1930, é poeta, tradutor e ensaísta, natural de Santiago – RS. Um dos fundadores, em 1956, e primeiro diretor do Instituto Estadual do Livro (IEL), licenciou-se em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1958, e, em 1962, convidado pelo escritor Cyro dos Anjos, então diretor do Instituto Central de Letras (ICL), ingressa na Universidade de Brasília (UnB) como um de seus docentes fundadores. Contratado pelo Departamento Cultural do Itamaraty, foi diretor do Centro de Estudos Brasileiros (CEB) na Bolívia, na Argentina, no Panamá e no México entre os anos de 1973 e 1985. De volta ao Brasil, reintegrou-se à UnB em 1990, aposentando-se dois anos depois. Chegou a integrar o quadro da Academia Brasileira de Letras, mas renunciou.

Ainda que premiado e tendo alguns de seus livros publicados no exterior, José Santiago Naud ainda é pouco conhecido do público brasileiro, tendo a distribuição de seus livros quase completamente restrita à Brasília, onde são editados há 30 anos. Entre seus mais de 20 livros publicados estão: *A geometria das águas* (Porto Alegre: Globo, 1963); *As colunas do templo* (Brasília: Thesaurus, 1989) e *20 poemas escolhidos e um falso haikai* (Brasília: Thesaurus, 2005). Participou também de muitas coletâneas como *Poetas de Brasília* (Brasília: Dom Bosco, 1962), de Joanyr de Oliveira, e *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*, de Manuel Bandeira e Waldir Ayala, lançado em 1967 pela editora De Ouro, do Rio de Janeiro. Começou a publicar suas obras completas com o livro *A fábrica de ritos*, cujo primeiro volume saiu pela Thesaurus Editora, com o apoio do Fundo de Arte e Cultura (FAC) e reúne poesias do período de 1948 a 1993. O segundo volume conterá obras inéditas.

Marcelo Paiva de Souza é natural de Brasília e nasceu em 26 de março de 1971. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal de Brasília em 1993, onde também cursou seu mestrado em Literatura Brasileira, orientado por Henryk Siewierski, e que foi concluído em 1996. Entre os anos de 1996 e 2000 morou em Cracóvia, Polônia, onde adquiriu seu título de doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Jagiellônica (2000) e deu aulas de literatura brasileira moderna na pós-graduação como professor visitante (1997), além de curso de tradução português/polonês e polonês/português (1997-1998). Atualmente dá aulas como professor adjunto na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e atua sobretudo nas áreas de Teoria da Literatura, Teoria da Tradução, História da Literatura e do Teatro Brasileiro, Literatura Comparada e Literatura Polonesa.

Polítradutor, Paiva de Souza possui em seu currículo traduções do inglês, do francês, do grego antigo, do latim, do alemão, do polonês e do italiano. Entre seus livros publicados estão: *Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução* (Vitória: PPGL/MEL; Flor&Cultura, 2006. v.1), do qual trabalhou como organizador; e a coletânea *Não mais* (Brasília: UnB, 2003), que organizou com Henryk Siewierski e do qual saíram alguns dos poemas selecionados para esta publicação. Além de livros, Souza possui textos escritos, organizados e/ou traduzidos por ele em diversos periódicos, como a revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional.

Regina Przybycien, tradutora de literatura inglesa e polonesa, graduou-se em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1972, possui mestrado em inglês pela Louisiana State University (1980) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concluído em 1993. É professora sênior do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e, no primeiro semestre acadêmico (março a junho) atua como professora visitante de literatura brasileira na Universidade Jagiellônica de Cracóvia, Polônia. Desde 1995 é Coordenadora do curso de Extensão de Língua Polonesa e Ucraniana

da UFPR e faz parte do corpo editorial da revista *Projeções* desde o ano de 1999.

É uma das organizadoras da coletânea *Poetas mulheres que pensaram o século XX*, publicada pela editora da UFPR em 2008 e na qual há um capítulo de sua autoria dedicado à poesia de Wisława Szymborska. Além desse livro, possui uma série de trabalhos publicados em periódicos, jornais, revistas e anais de congressos, incluindo alguns sobre tradução e sobre os poetas escolhidos para esta publicação, principalmente Wisława Szymborska, da qual traduziu vários poemas, inclusive a maioria dos publicados aqui.

Ana Cristina Cesar, poetisa notável da geração de poetas marginais da década de 70, nasceu no dia 02 de junho de 1952 na cidade do Rio de Janeiro. De talento precoce, iniciou sua obra literária já na infância, tendo suas primeiras poesias publicadas no Suplemento Literário do jornal *Tribuna da Imprensa* quando tinha somente sete anos de idade. Em 1969 fez um intercâmbio pela Inglaterra e entrou em contato com a obra de grandes nomes da literatura de língua inglesa e norte-americana como Emily Dickinson e Sylvia Plath, além da neozelandesa Katherine Mansfield, autoras que também traduziu. De volta ao Brasil, passou a dedicar-se definitivamente à literatura e começou seus trabalhos como tradutora. Aos 19 anos ingressou na Faculdade de Letras da PUC do Rio de Janeiro, quando passou a enviar textos para a imprensa alternativa. Formou-se em 1975 e, no ano seguinte, participou da antologia *26 poetas hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda e editado pela Funarte, do Rio de Janeiro. Suas primeiras obras autorais, *Cenas de abril* e *Correspondência completa*, ambos de 1979, foram publicadas por meios independentes.

Após cursar seu mestrado em Comunicação Social, retornou à Inglaterra, onde adquiriu o título de Mestre em Tradução Literária pela Universidade de Essex, em 1980. Três anos depois, no dia 29 de outubro, suicidou-se, aos 31 anos de idade. Entre seus trabalhos, que incluem obras em prosa, poesia e ensaios, estão *Luvras de pelica* (1980), escrito durante sua segunda passagem pela Inglaterra e *A*

teus pés (1982), nos quais encontram-se tanto trabalhos autorais como traduções; além de *Literatura não é documento* (1980) e as obras póstumas *Inéditos e dispersos* (1985), *Escritos da Inglaterra* (1988) e *Escritos no Rio* (1993).

Referências

Poemas

CESAR, Ana Cristina. Os filhos da época. Disponível em: <<http://rebeliarte.blogspot.com/2009/11/boas-novas.html>>. Acesso em: 27 out. 2009.

MIŁOSZ, Czesław. *Não mais*. Tradução e organização de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva Souza. Brasília: UnB, 2003.

PRZYBYCIEN, Regina. Wisława Szymborska: a mão invisível. *Coyote*, Londrina, n. 18, p. 10-15, 2008.

_____. Wisława Szymborska: poesia da outra margem. *Oroboro – Revista de Poesia e Arte*, Curitiba, n. 4, p. 25-33, 2004.

SIEWIERSKI, Henryk; NAUD, José Santiago. *Quatro Poetas Poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado de Cultura, 1994.

SZYMBORSKA, Wisława. Wrażenia z teatru. Disponível em: <http://www.poema.art.pl/site/itm_37425_wrazenia_z_teatru.html>. Acesso em: 12 out. 2009.

_____. Jacyś ludzie. In: WISŁAWA SZYMBORSKA IV. Disponível em: <http://www.arlindo-correia.com/Wislawa_szymborska_3.html#Jacyś_ludzie>. Acesso em: 05 out. 2009.

_____. Terrorysta, on patrzy. Disponível em: <http://evacska.republika.pl/materialy/poezja/Wislawa_szymborska/terrorysta_on_patrzy.htm>. Acesso em: 15 set. 2009.

_____. Dzieci epoki. Disponível em: <http://www.arlindo-correia.com/Wislawa_szymborska_3.html#Jacyś_ludzie>. Acesso em: 15 set. 2009.

Texto de apresentação

CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de, SANTAELLA, Lúcia (org.). *Semiótica da literatura*. v. 28. São Paulo: EDUC, 1987. p. 53-74. (Série Cadernos PUC).

PRZYBYCIEN, Regina. A poesia de Wisława Szymborska: a história vista das margens. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 7, n. 10, p. 23-36, 2005. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF%2010/1_przybycien.pdf>. Acesso em: 25 out. 2009.

Textos sobre os autores e tradutores

ALGO Sobre. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/biografias/Czeslaw-milosz.html>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

ANTÔNIO Miranda. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/jose_santiago_naud.html>. Acesso em: 01 set. 2009.

CURRÍCULO Lattes de Henryk Siewierski. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/busca_textual/visualizacv.jsp?id=K4783978U6>. Acesso em: 22 out. 2009.

CURRÍCULO Lattes de Marcelo Paiva de Souza. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2530611906960208>>. Acesso em: 22 out. 2009.

CURRÍCULO Lattes de Regina Przybycien. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/busca_textual/visualizacv.jsp?id=K4787878U0>. Acesso em: 22 out. 2009.

GOMES, Adriana de Freitas. *Ana Cristina Cesar: a tradução como exercício de recriação*. Disponível em: <<http://www.gatilho.ufjf.br/AdrianaFreitasGomes.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

INFO Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/escritores/ana-cristina-cesar>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

JORNADA de Literatura. Disponível em: <http://www.jornadadeliteratura.upf.br/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=216:marcelo-paiva-de-souza&catid=9:autores&Itemid=32>. Acesso em: 21 ago. 2009.

MODO de Usar. Disponível em: <<http://revistamododeusar.blogspot.com/2008/11/Wislawa-szymborska.html>>. Acesso em: 01 set. 2009.

NET Saber. Disponível em: <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_2312.html>. Acesso em: 26 nov. 2009.

NÓS Fora dos Eixos. Disponível em: <<http://www.nosrevista.com.br/2008/09/10/antologia-pessoal-jose-santiago-naud>>. Acesso em: 22 out. 2009.

PARANÁ Online. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/Almanaque/news/90507/?noticia=MORREU+CZESŁAW+MIŁOSZ+NOBEL+DE+1980>>. Acesso em: 22 out. 2009.

PERIÓDICOS UFSC. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6600/6078>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

UNB. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/henryk.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

USINA de Letras. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=3496&cat=Ensaio&vinda=S>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Texto teórico

ASCHER, Nelson. Poesia é o que se ganha na tradução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 abr. 2003. Caderno E, p. 6.

BENJAMIM, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampfflages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis, UFSC, 2001. p. 189-215.

BORGES, Jorge Luis. Música da palavra e tradução. In: MIHAILESCU, Calin-Andrei (Org.). *Esse ofício do verso*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. (Cadernos Viva Voz).

RÓNAI, Paulo. Traduzir o intraduzível. In: _____. *Escola de tradutores*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

**Edições Viva Voz
de interesse para a área de tradução**

A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português

Walter Benjamin

Traduções de Fernando Camacho, Karlheinz Barck e outros,
Susana Kampff Lages e João Barrento

Poética do traduzir, não tradutologia

Henry Meschonnic

Traduções Márcio Werberde Faria, Levi F. Araújo e Eduardo
Domingues

Tradução, literatura e literalidade

Octavio Paz

Trad. Doralice Alves de Queiroz

Glossário de termos de edição e tradução

Sônia Queiroz (Org).

Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora

Haroldo de Campos

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no site: www.lettras.ufmg.br/labed

Esta publicação é resultado de trabalho elaborado por alunos da disciplina Estudos Temáticos de Edição, no segundo semestre de 2009.

v
v v
v v
viva voz